

DO NEOLOGISMO AO EMPRÉSTIMO: A ITÁLIA DESCOBRE O BRASIL? OU O BRASIL DESCOBRE A ITÁLIA?

Lilian Manes de OLIVEIRA¹

RESUMO

Uma língua permanece viva enquanto seu léxico se renova. Em contrapartida aos vocábulos que constantemente desaparecem, outros surgem: os *neologismos*. Resultam eles de mecanismos criados dentro da própria língua, ou de itens lexicais oriundos de outros sistemas. Esse segundo grupo constitui os *empréstimos*. Representam eles frutos de relações sociais. Quanto ao português, dos primórdios da sua formação até o início da Idade Moderna, recebeu enorme contribuição do árabe; na Idade Contemporânea, recebeu grande contribuição do francês; nos tempos atuais, sua principal fonte tem sido o inglês. Mas outro idioma surge com expressiva representatividade na contribuição ao português, estendida ao português brasileiro. O presente trabalho tem por objetivo enfocar a presença de tal idioma – o italiano – que, ao final da pesquisa teve o seu quórum de empréstimos contabilizado em 1425 palavras, sem inclusão de derivados nem de compostos. Ressalte-se que a primeira pesquisa lexicográfica brasileira consagrada – a do professor Antenor Nascentes, de 1955 – apontava 383 vocábulos.

PALAVRAS-CHAVE: neologismo; empréstimo; italiano; português; brasileiro

1. Era uma vez...

Era uma vez um povo que gostava de navegar (1): construía embarcações que se aventuravam pelo mar (2), levando gente e mercadoria. Navegava até dentro de cidade (3), numa embarcação que recebeu um nome especial (4). Ensinou essa arte a outros povos e, de repente, viu-se suplantado por um deles (5). Tinha o desejo de cruzar o Mar Oceano (6) e chegar a um Novo Mundo. Um de seus filhos o conseguiu (7), mas financiado por um rei e uma rainha estrangeiros (8). Se o fato o abalou, não se fez de rogado, porém de esperto. Acreditando no provérbio “O bom-bocado não é para quem o

¹ Rua Tonelero 44/101 - Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP: 22030-002.

faz, mas sim para quem o come”, enviou um de seus navegadores ao continente recém-descoberto, conseguindo dar a este (9) o nome em homenagem àquele (10).

Personagens da trama, pela ordem de entrada em cena: (1) *italiano*, (2) *Mediterrâneo*, (3) *Veneza*, (4) *gôndola*, (5) *espanhol*, (6) *Oceano Atlântico*, (7) *Cristóvão Colombo*, (8) *Fernão de Aragão e Isabel de Castela*, (9) *América*, (10) *Américo Vespúcio*.

Uma relação indireta Itália-Brasil já se revelava na época medieval. Segundo Mansur Guérios (1973), os genoveses eram peritos da arte náutica. Ele corrobora a afirmativa de Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1964), segundo a qual foram estes os mestres dos portugueses na navegação do Mediterrâneo. Daí termos como *piloto*, *prova*, *escolha*, *amainar* – termos ligados à navegação, serem de origem italiana (Guérios, 1973). Afirma Sérgio Buarque de Holanda (2002): “O espírito da colonização portuguesa é um prolongamento, através das grandes rotas do Atlântico, da ação dos seus predecessores e, por muito tempo, seus mestres: os navegadores italianos da Idade Média.” Eram genoveses, venezianos ou florentinos os participantes de expedições portuguesas anteriores à descoberta da América. O próprio Cristóvão Colombo esteve a serviço de Portugal, onde viveu de 1476 a 1484, casando-se em Lisboa, em 1477, com Filipa Perestrello, filha de Bartolomeo Perestrello, que veio a ser donatário da capitania de Porto Seguro.

Dentro do Novo Mundo, surge uma nova descoberta: o Brasil atrai a atenção dos europeus. E não poderiam deixar de despertar interesse nos italianos, que para aqui vieram, como marinheiros, cartógrafos, missivistas, informantes, colonizadores.

Presença italiana marcante aflora na cartografia do século XVI. Os primeiros mapas que registram a existência do Brasil são italianos ou de inspiração italiana. O mais antigo, de 1502, tem como autor Alberto Cantino, comerciante veneziano. Junto ao desenho do litoral brasileiro, há uma inscrição que descreve fatos relativos à chegada de Cabral e a algumas características da terra e do povo brasileiro. Encontra-se na Biblioteca Estense, em Modena, Itália. Ronaldo Vainfas (2000) afirma que “pela precisão cartográfica poderia presumir um descobrimento do Brasil anterior à expedição de Cabral”. A imprensa carioca veiculou que o primeiro mapa impresso do Brasil data de 1556, também de autor veneziano, Giovanni Batista Ramusio, que nunca esteve no Brasil. Uma cópia de tal raridade foi leiloadada na sede do Jockey Club Brasileiro, em 5 de dezembro de 2001 (*O Globo*, 3/12/2001).

Desde a sua fundação, a cidade do Rio de Janeiro teve a participação italiana. Giuseppe Adorno, um dos cinco irmãos Adorno, que estiveram no Brasil, lutou ao lado de Estácio de Sá contra os franceses. Recebeu sesmarias em Niterói e no interior fluminense.

Américo Vesúpcio, o navegador florentino que deu nome à América, foi o primeiro a avistar a Floresta da Tijuca, em 1502, quando passou pelo Rio de Janeiro. Chamou-a *Paraíso Terrestre*. Referiu-se ao pau-brasil, em italiano denominado *verzino*, com fonte promissora de riqueza econômica.

2. Era outra vez...

A imigração italiana iniciou-se no século XIX, motivada por um acordo entre o Reino das Duas Sicílias e a Corte. O Brasil também atraiu a atenção de refugiados políticos e aventureiros.

O acontecimento importante desse século na Itália foi o *Risorgimento*, movimento da unificação italiana, que teve como líderes Garibaldi, Cavour e Mazzini, o primeiro dos quais participou no Brasil da Revolução Farroupilha.

O grande nome da imigração italiana foi Teresa Cristina, Princesa das Duas Sicílias, que se tornou Imperatriz do Brasil, ao casar-se com D. Pedro II. Chegou ao Rio de Janeiro aos 21 anos. Não quis somente atrair os compatriotas do reino de Nápoles, mas também todos os da Península, como comprova a vinda para o Rio Grande do Sul de habitantes de Concordia e Modena, no final do século XIX. Por causa da febre amarela, pararam no Rio de Janeiro e fundaram a cidade de Porto Real, vizinha a Barra Mansa. A cidade fluminense de Teresópolis (cidade de Teresa) a homenageia em sua denominação.

Dona Teresa Cristina contribuiu com grande quantia para a Sociedade de Beneficência, a qual não chamou de Sociedade Napolitana, uma vez que tinha consciência da unidade histórica da Itália, conceito revolucionário para a época em toda a Europa. A Imperatriz Maria Teresa Cristina de Bourbon de Nápoles foi responsável por parte do tesouro arqueológico brasileiro, tendo trazido, em sua vinda, 795 peças arqueológicas de Pompeia. Seu papel na vida cultural do Rio de Janeiro levou o diretor do Istituto Italiano di Cultura, professor Franco Vicenzotti, a considerar injusta a

escolha de São Paulo para a realização da mostra pompeiana, ressaltando o conceito errôneo vigente na Itália, que privilegia a presença italiana na cidade paulistana, em detrimento da carioca.

Qual Mecenaz, padroeira das Artes, Teresa Cristina foi a responsável pela formação do maior compositor americano do século XIX: o brasileiro Carlos Gomes. Paulista de Campinas, ele chegou a Milão por intermédio de uma bolsa de estudos, conseguida graças à influência da imperatriz brasileira, filha do rei de Nápoles. A exigência da autoria de uma obra no período inicial da bolsa concretizou-se na ópera O Guarani, encenada com sucesso no Teatro Scala de Milão, em 1870, e mais onze vezes nesse mesmo ano. Milão era a capital da ópera, na época. Verdi a considerou escrita por um *vero genio*. Aos 34 anos, o gênio brasileiro recebeu do rei Vittorio Emmanuele II a comenda de Cavaleiro da Coroa da Itália. Os críticos atribuem o primeiro lugar ocupado por Carlos Gomes, no cenário americano, não só à sua genialidade, como também à oportunidade de realizar na Itália estudos que o ensinaram a desenvolver com maestria as habilidades do bel-canto.

A imigração italiana no Brasil recrudescer a partir de 1877, motivada pela anexação do reino de Nápoles ao reino da Itália. O desenvolvimento comercial do Norte italiano provocou o êxodo dos habitantes do Sul. O porto do Rio de Janeiro passou a receber inúmeros calabreses apoiados pelas sociedades que aqui se formaram, com o incentivo da imperatriz. Instalados em diferentes bairros, tiveram um grande núcleo na Gávea; a Gávea antiga compreendia também Jardim Botânico, Ipanema e parte da Barra. Até o início do século XXI, no Jardim Botânico havia uma livraria denominada “Ponte de Tábuas”, homônima de um bar que ali existiu, onde reinava a alegria: discutia-se música, blocos, retretas.

3. Era o *parlare* que virou falar...

Muitos pesquisadores concordam que os estudos sobre a presença italiana no Rio de Janeiro a relegaram a segundo plano, em detrimento da cidade de São Paulo. A historiadora Izabel Mazini (Silva, 2015) atribui tal esquecimento ao fato de ter o Rio de Janeiro uma cultura portuguesa mais forte. Já o acadêmico Marco Lucchesi ressalta que “Muitos dos italianos que chegavam ao Brasil não conseguiam falar com os outros

porque falavam dialetos. O interessante é que a Língua Portuguesa serviu para eles como uma espécie de esperanto ou de língua franca.” (Pelusi, 2015)

Ao Brasil aportados, trouxeram os italianos seus hábitos alimentares: beber vinho, muito vinho – e o clima frio do Sul propiciava o florescimento dos vinhedos-, comer espaguete, polenta.

O pós-guerra importou a pizza – hoje já tornada um prato nacional; incorporada ao cardápio brasileiro, se conservou as suas modalidades de origem – calabresa, marguerita, napolitana – também incorporou as modificações do país onde desembarcou: de goiabada, de banana, com açúcar e canela etc.

São Paulo exportou para o resto do País a culinária dos *oriundi* e o Rio de Janeiro aceitou o desafio. Se alguns *experts* cariocas resistem à incorporação do tomate seco às massas ou sanduíches (“coisa de paulista”), tal incorporação já se fez realidade no cardápio da Cidade Maravilhosa.

A influência italiana na culinária carioca se reflete não só nos seus pratos, mas também na proliferação dos restaurantes típicos da Bota, cujos nomes já não soam mais como estrangeiros àqueles que os frequentam: Artigiano, Cantina Donnana, Capricciosa, Cipriani, Da Brambini, D’Amici, Don Camillo, Duo, Fasano, Fiorentina, Forneria São Sebastião, Fratelli, Gabbiano Al Mare, Gero, La Pastasciutta, Luigi’s, Osteria Dell’Angolo, Osteria Policarpo, Pomodorino, Stravaganze, Quadrifoglio, Trattoria, Trattoria del Borgo, Turino. Atualmente tal influência se projeta no grande número de sorveterias com nomes italianos, que apregoam fabricar *il vero gelato italiano*.

4. E vida longa ao empréstimo...

O empréstimo origina-se da transposição para outra cultura de objetos, conceitos e situações. A língua receptora acomoda ou adapta o termo ao seu sistema. Surgem como dificuldade à importação os hábitos fonéticos e a correlação entre fonemas e grafemas.

Segundo Ieda Maria Alves (1984), o termo estrangeiro percorre uma fase neológica, situada entre o estrangeirismo e o empréstimo, a qual corresponde à sua instalação no sistema de uma língua. Essa fase de integração pode ser constatada por

meio de três critérios: morfossintático, semântico e fonológico.

Quanto ao critério morfossintático, ressaltem-se os seguintes aspectos:

- a) a derivação: antiMussolini; felliniano, em que a base estrangeira se aglutina a um prefixo ou sufixo vernáculo;
- b) a classe gramatical: cartela, ferrovia (s.); diletante (adj.); apolentar (v.). A maior parte dos empréstimos ao português pertence à classe dos substantivos; alguns, à dos adjetivos ou verbos;
- c) o gênero e o número. Geralmente, os empréstimos integram-se ao sistema flexional de gênero e número da nova língua. Do italiano para o português, por terem as línguas casos lexicogênicos diferentes (nominativo/acusativo, respectivamente), houve sempre essa adaptação: *trattoria/trattorie*; *tratoria/tratorias*; *lasagna/lasagne*; *lasanha/lasanhas*. Por vezes, houve o esquecimento de a forma já ser plural, interpretando-a como singular e pluralizando-a novamente: *broccolo/broccoli*; o/os brócolis; *gnocchi/o* nhoque/os nhoques;
- d) o decaque ou calque: versão literal do elemento estrangeiro para a língua receptora: *mani pulite*/mãos limpas; *buona gente*/boa gente; *caulifloro*/couve-flor.

Quanto ao critério semântico, ressalte-se que um empréstimo se integra à nova língua, quando adquire um valor polissêmico. É o caso de *máfia*, que, significando uma organização específica, adquiriu um valor pejorativo, ou de *famiglia*, que, ainda não se adaptando à grafia portuguesa, se opõe ao português *família*, por apresentar também um valor pejorativo.

Ressalte-se que um caminho inverso foi percorrido pelo italiano *ciao*, que em português se transformou em *tchau*. Porém seu significado modificou-se: em italiano, é uma saudação de chegada e de partida; em português, conservou somente o significado de partida.

Quanto ao critério fonológico, segundo Mattoso Câmara (1975), o termo estrangeiro tende a adaptar-se ao idioma que o recebe. Essa adaptação fonética é, por vezes, seguida pela escrita. *Pizza* conserva sua grafia de origem, mas sua pronúncia já se encontra totalmente integrada aos hábitos linguísticos do português; *spaghetti* já aparece com duas formas – italiana e portuguesa-: *espaguete*. Em Fiorani (2002), encontra-se uma alteração fonética do prefixo, quando ele cria *reassunto*, modificação

do italiano *riassunto* (resumo). O vocábulo italiano ganhou, pois, um prefixo português, substituto do italiano original.

4.1 E vida longa ao italianismo...

Neste estudo, que visa a registrar a contribuição italiana ao português brasileiro, conceituou-se o termo *italianismo* como vocábulo ou expressão oriundos do italiano, ou por ele veiculados a partir de outra língua, presentes no português, quer conservando sua grafia de origem, quer adaptando-a à grafia luso-brasileira. Considerou-se italiano tanto o idioma oficial, quanto as suas variantes dialetais. Pretendeu-se elencar italianismos já dicionarizados e aqueles que, embora não-dicionarizados, têm sido veiculados na mídia falada e escrita. Quanto aos dicionarizados, os pontos referenciais extremos foram o *Dicionário etimológico de Antenor Nascentes* (1955) e o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (1999), da Academia Brasileira de Letras, em sua 5ª. edição.

Verificou-se que o primeiro italianismo registrado no português do Brasil foi *ennastrado*, significando amarrado com fita de tecido. O vocábulo foi compilado pelo filólogo A.G. Cunha (1999), que o constatou na obra de Pero Magalhães de Gandavo, (1924), cuja primeira edição data de 1576.

Segue um elenco de vocábulos que apresentam alguma curiosidade no seu trajeto Itália-Brasil:

4.1.1 Vocábulos introduzidos no português entre os séculos XIII e XVI e que aí permaneceram:

Agência, alarme, alteza, belvedere, embaixada, empresa, girafa, malagueta, regata, terremoto.

4.1.2. Vocábulos surgidos nos dois últimos séculos (XX e XXI):

Aggiornamento, capuchino, desparagonar, dressa, ferrovia, muçarela, ombrelone, reassunto, risoto, tiramisu.

4.1.3 Vocábulos que têm uma história curiosa:

Baderna, banco, casa da mãe joana, gelosia, gueto, máfia, marguerita, notas musicais, tarantela totalitário.

4.1.4. Vocábulos que apresentam curiosidades:

- morfológicas: paparazzi, oriundi;
- gráficas: aggiornamento, famiglia, imbróglio

4.2 E a produtividade do empréstimo assegura a sua longevidade...

Após sua entrada na língua, o comportamento do empréstimo, por vezes, imita o comportamento dos vocábulos vernáculos. Assim, o substantivo italiano *polenta* recebe um prefixo latino (-a) e um sufixo verbal (ar), já incorporados ao português, formando o verbo *apolentar*. O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos (2005) registrou, pelo mesmo processo, o verbo *desparagonar* (não-dicionarizado), ao escrever em sua crônica “*Desparagone a página certinha*”. Paragonar (Ferreira, 1999) significa comparar, cotejar, assemelhar.

A sigla estrangeira também pode gerar empréstimos lexicais. Traçando-se, por exemplo, a etimologia da palavra *máfia*, hoje substantivo comum, perfeitamente integrado ao sistema linguístico português, verifica-se a possibilidade de ela provir da sigla italiana **MAFIA** (“*Morte ai francesi Italia anela*”/A Itália deseja a morte dos franceses), caracterizadora da repulsa peninsular à presença francesa, em seu território, no século XIX; essa é uma etimologia que tem respaldo no repertório oral italiano. Não é, entretanto, uma etimologia pacificamente aceita. Ferreira (1999) aponta sua origem no dialeto siciliano e como seus derivados *mafia* e *mafioso*. Observe-se, também, a produtividade na extensão do seu significado. Inicialmente representativa da cultura italiana, após incorporar-se ao português transformou-se num substantivo comum e atualmente encontra-se com frequência associada a adjetivos diferentes: máfia russa, máfia colombiana, máfia do INSS.

5. Conclusão

Um país sem colônias. Uma língua não ensinada nos currículos escolares. E, no entanto, uma influência cultural marcante, expressa por um léxico de mais de mil palavras. O roteiro Itália-Brasil, de raízes no trajeto Itália-Portugal, inicia no Renascimento e chega até os dias atuais, trazendo consigo uma grande contribuição em diferentes áreas de conhecimento e enriquecendo amplamente o vocabulário do português brasileiro. O empréstimo é o neologismo que deu certo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, Ieda Maria. 1984. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. São Paulo: *Alfa*, 28 (supl.).
- Amado, Janaína e Figueiredo, Luiz Carlos. 2001. *Brasil 1500 Quarenta documentos*. Brasília: UNB, SP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Araújo, Regina. 2009. *Observatório de geografia: fronteiras e nações*. São Paulo: Moderna.
- Câmara Jr. Joaquim Mattoso. (1975). *História da linguística*. Petrópolis: Vozes.
- Cenni, Franco. s/d. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins.
- Corrêa, Marcos de Sá et al. 2001. *Parque Nacional da Tijuca*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.
- Costa, Sérgio Corrêa da. 2000. *Palavras sem fronteiras*. Rio de Janeiro, Record.
- Cunha, A.G. 1999. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Faraco, Carlos Alberto. (Org.). 2001. *Estrangeirismos*. São Paulo: Parábola.
- Fausto, Boris. 2001. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. 1999. *Novo Aurélio XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fiorani, Sílvio. 2002. A vida é assim. In: Kiefer, Charles et al. *Pátria estranha- História de peregrinação e sonhos*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Freitas, Cyanéa T. de. 2002. *A cozinha italiana*. São Paulo: Melhoramentos.

- Gandavo, Pero de Magalhães. 1924. *I. Tratado da Terra do Brasil. II. História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Edição do Anuário de Brasil.
- Garzanti. 1984. *Il nuovo dizionario*. Itália: Garzanti.
- Guérios, R.F. Mansur. 1973. Os empréstimos italianos da língua portuguesa. In: 4º. *Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro.
- Holanda, Sérgio Buarque de. 2002. *A contribuição italiana para a formação do Brasil*. Organização e tradução de Andréia Guerini. Florianópolis: NUT/NEIITA/UFSC.
- Houaiss, Antônio *et al.* 2001. *Dicionário HOUAISS da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Magno, Giuseppe. 1999. A importância e a contribuição dos italianos e descendentes no desenvolvimento brasileiro: Teresa Cristina. *Italiãmica*, n.4.
- Michaelis. 1998. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- Moreira Neto, Carlos Araújo. 1983. Presença de italianos no processo histórico brasileiro. In: Ribeiro, Berta *et al.* *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Index.
- Nascentes, Antenor. 1955. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- Oliveira, Lilian Manes de. 2010. *Non ti scordar di me: presença de italianismos no português do Brasil*. São Paulo: Annablume.
- Oliveira, Lúcia Lippi. 2001. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Pelusi, Stefania. 2015. O Rio através do olhar poético dos italianos. *Comunità Italiana*. Rio de Janeiro.
- Pimenta, Reinaldo. 2002. *A casa da mãe Joana*. Rio de Janeiro, 2002.
- Pisani, Vittore. 1947. *L'Etimologia*. Milano: Renon.
- Ribeiro, Berta *et al.* 1983. *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro, Index.
- Santos, Joaquim Ferreira dos. 2005. Glauco e Lurdinha. *O Globo*, 06 set.
- Silva, Deonísio da. 1997. *De onde vêm as palavras?* São Paulo: Mandarim
- Silva, Rodrigo. 2015. Italianos no Rio: uma história fundamental. *Comunità Italiana*. Rio de Janeiro.
- Vainfas, Ronaldo. 2000. Um descobrimento suspeito. Rio de Janeiro: *Jornal de Brasil*, 22 abr.
- Vanni, Julio Cesar, 2000. *Italianos no Rio de Janeiro*. Niterói: Comunità.

Vasconcellos, Carolina Michaëlis de. (1964). *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Ventura, Zuenir. 2003. *Operação mãos-dadas*. Rio de Janeiro: *O Globo*, 11 out.

Verissimo, Luís Fernando. 1995. *Origens*. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 26 ago.

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. 2009. Academia Brasileira de Letras. São Paulo: Global.

Weyrauch, Célia Schiavo. 2003. *Forasteiros construtores da modernidade*. Rio de Janeiro: Terceiro Tempo.

